



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PISCOEDUCACIÓN

Karoline Ellen Freire da Costa

**(RE) PENSANDO AS RELAÇÕES ENTRE AS JUVENTUDES, A  
ESCOLA E OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM**

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Mariana Lins de Oliveira

JOÃO PESSOA

2015

KAROLINE ELLEN FREIRE DA COSTA

(RE) PENSANDO AS RELAÇÕES ENTRE AS JUVENTUDES, A ESCOLA E OS  
PROCESSOS DE APRENDIZAGENS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof.ª Dra. Mariana Lins De Oliveira

Aprovado em: 02 / 12 / 2015.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Mariana Lins De Oliveira (Orientador)  
Universidade Federal da Paraíba



Prof.ª Maria Deborah Cabral de Sousa (Membro)  
Universidade Federal da Paraíba

## (RE) PENSANDO AS RELAÇÕES ENTRE AS JUVENTUDES, A ESCOLA E OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

### **Resumo:**

Este trabalho buscou investigar quais os principais desafios existentes na relação entre juventudes e escola na contemporaneidade, e como esses desafios podem interferir nos processos de aprendizagem dos jovens. Para isso, procuramos discutir as concepções sobre o jovem como sujeito social, além de termos analisado a percepção dos estudantes sobre a condição juvenil e sua relação com a escola, e por fim, buscamos compreender como essas visões podem influenciar nos processos de aprendizagem desses jovens. Adotou-se o método qualitativo de pesquisa, através da realização de entrevistas semiestruturadas realizadas com 9 “jovens alunos” de escola pública oriundos das camadas populares. Durante a elaboração deste estudo, encontramos diversos teóricos que contribuíram para nossa compreensão a respeito das juventudes, de suas relações com a escola e da influência dessas relações para os processos de aprendizagem. Dentre eles estão Carrano (2007), Dayrell (2013), Oliveira (2004) e Gohn (2011). A partir das informações fornecidas pelos participantes desta pesquisa, percebemos que as várias questões que limitam a participação social ativa dos jovens, assim como, a falta de atenção às necessidades com as quais eles convivem, podem resultar em uma visão preconceituosa e estigmatizante destes sujeitos. Assim como, pode influenciar em suas relações com a instituição escolar e em seus processos de aprendizagem.

**Palavras-chave: Juventudes. Escola. Processos de aprendizagem. Instituições sociais**

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo visou investigar quais os principais desafios existentes na relação entre juventudes e escola na contemporaneidade, e como esses desafios podem interferir nos processos de aprendizagem dos jovens. Por ter sido reconhecida recentemente, na década de 50, ainda se sabe muito pouco a respeito da condição juvenil (OLIVEIRA, 2004; CARRANO, 2007) e, conseqüentemente, sobre como os profissionais da educação podem auxiliar esses jovens de forma mais efetiva. Por isso, torna-se relevante que haja investigações sobre a forma que estes sujeitos se relacionam entre si, consigo mesmos e com a sociedade. Nesse sentido, para atender ao nosso objetivo mais geral, procuramos discutir sobre o jovem como sujeito social, além de termos analisado a percepção dos estudantes sobre a condição juvenil e sua relação com a escola, e por fim, buscamos compreender como essas visões podem influenciar nos processos de aprendizagem desses jovens.

A partir dos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso de psicopedagogia, em especial de alguns componentes curriculares, como por exemplo Psicossociologia e Aprendizagem, foi despertado o interesse em estudar mais profundamente a respeito das questões envolvendo as juventudes, a instituição escolar e os processos de aprendizagem. Outro fato relevante para a escolha desta temática de pesquisa foi a experiência de estágio realizada em uma escola pública, na qual foi possível vivenciar várias situações de conflito entre os “jovens alunos” e a equipe pedagógica. O estágio aflorou ainda mais o desejo de realizar uma pesquisa que buscasse compreender como se dão as relações entre os jovens e a instituição escolar.

A psicopedagogia é um campo de conhecimento multidisciplinar que busca compreender os processos de aprendizagem de forma mais ampla. Ou seja, devemos considerar vários aspectos como os sociais, culturais, psicológicos e outros, que permeiam esses processos. Assim como afirma Bossa (2008, p. 45)

A pluridimensionalidade dos processos psicoeducativos escolares e extra-escolares excede em vários sentidos os apordes de uma disciplina única, hegemônica, da qual derivam marcos conceituais interpretativos e técnicas adequadas para a intervenção psicopedagógica.

Desta forma, a atuação psicopedagógica para com os jovens não deve levar em consideração apenas determinados aspectos que permeiam a aprendizagem. É importante que se tenha uma visão mais aberta da condição juvenil e de como ela aprende, evitando reproduções de preceitos limitantes e que não valorizem as diversas influências do contexto social para a formação dos indivíduos.

Não nos interessou, nesse momento, abarcar todas as diferentes formas de juventude, até porque isto seria inviável em virtude do tempo necessário para a realização de uma investigação como esta. Os sujeitos pelos quais esta pesquisa desejou estudar foram jovens oriundos das camadas populares que utilizam o sistema público de ensino. Escolheu-se trabalhar com este grupo específico, porque acreditamos que há ainda muito o que se aprender a respeito das formas de vivenciar a juventude e seus processos formativos.

Optamos por realizar uma pesquisa de cunho qualitativo, tendo em vista que este método busca levar em consideração às subjetividades dos sujeitos, suas vivências cotidianas, bem como, suas (re) construções de sentidos sobre a realidade a sua volta. Desta forma, esta abordagem nos pareceu mais adequada para atender aos anseios deste estudo. Assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 9 jovens, entre 16 e 20 anos, alunos de uma escola pública da cidade de João Pessoa – PB. Utilizamos o método de análise de conteúdo para análise dos achados no campo de investigação.

A partir do que encontramos nesta pesquisa, percebemos que, em muitos casos, os sujeitos reproduzem a visão generalizadora de que são indivíduos em fase de preparação para “um certo futuro”. Contudo, observamos que estes mesmos sujeitos já vivenciam uma realidade que cobra deles, desde cedo, comportamentos e responsabilidades da vida adulta. Estes comportamentos estão geralmente ligados à questão financeira e a sobrevivência material, que, segundo os jovens, são fatores decisivos para suas escolhas profissionais, para a frequência na escola e até para a formulação de sonhos. Observamos também que dentre as várias dificuldades de relacionamento entre a escola e as juventudes, a maior delas é a falta de atenção para com as diversas manifestações do universo juvenil. Esta atenção está ligada fundamentalmente às questões concernentes à aprendizagem e aos espaços negados a estes sujeitos para que se expressem e mostrem seus conhecimentos.

Este trabalho está estruturado em quatro grandes segmentos: um primeiro que trata da parte mais teórica a respeito do jovem como sujeito social, das relações entre as diferentes

gerações e seus diferentes valores, das interações entre a Escola e as juventudes, assim como, as relações entre a Escola, as juventudes e os processos de aprendizagem. Posteriormente apresentamos nosso percurso metodológico, seguido das análises dos dados e das considerações finais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 O JOVEM COMO SUJEITO SOCIAL**

A juventude, se tomada de forma abstrata, não contextualizada, representa apenas uma expressão. Autores como Carrano (2007) afirmam que a ideia de juventude surgiu na modernidade, em meados da década de 50, ela emerge nesse momento específico e com necessidades específicas. Fala-se ainda da forte influência entre o contexto pós-guerra e a necessidade de se reconhecer uma nova categoria social, a categoria que foi para as guerras e voltou vitoriosa impondo “novos estilos de vida e valores”. Assim como afirma Bourdieu (1983) “A juventude é apenas uma palavra, se vista de forma naturalizada. Porém, ela é também uma noção social que assumiu força material inequívoca desde que foi assumida coletivamente pela sociedade.”.

Entretanto, a palavra juventude se tornou muito limitada para representar a condição juvenil, tendo em vista que existem vários modos de se vivenciar esta categoria social. Esses diferentes modos estão ligados aos diversos fatores que influenciam na vida do indivíduo, como por exemplo, fatores econômicos, demográficos, temporais e emocionais. Desta forma, é menos limitante e mais representativo se a palavra juventude vier no plural, juventudes, pois só assim é demonstrado que mesmo que exista um jovem socialmente idealizado, na realidade, a condição juvenil é vivida de diferentes formas, existindo assim várias juventudes.

Assim como Dayrell (2006 *apud* CHARLOT 2000, p. 33 e 51), este trabalho também comunga com a compreensão de que,

[...] o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. Para o autor, o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere.

Portanto, quando falamos do jovem como sujeito social, nos remetemos ao indivíduo que dentro de sua condição juvenil interage com o meio em que está inserido, que influencia e é influenciado nele e por ele. Trazendo contribuições de seu modo de ser jovem para a sociedade e recebendo dela e de suas categorias os capitais sociais que necessita para conviver socialmente, porém não apenas os absorvendo, e sim os resignificando. Vê-los como intermediários em uma fase de transição entre ser criança e ser adulto, ou seja, alguém que ainda virá a ser, é não reconhecer e muitas vezes resistir às contribuições que os jovens trazem para a sociedade. E, portanto, não os ver como sujeitos sociais e sim como futuros produtos sociais em desenvolvimento.

Porém, há ainda uma grande dificuldade em reconhecer as diferentes juventudes, assim como em ver o jovem como um sujeito social. Dificuldade esta que permeia as relações familiares e escolares, e que se refletem, no autoconceito dos próprios jovens, que muitas vezes incorporam conceitos externos redutores sobre o que são e o que devem ser. Assim como afirma Dayrell (2006, p. 43),

Podemos concluir que o pleno desenvolvimento ou não das potencialidades que caracterizam o ser humano vai depender da qualidade das relações sociais desse meio no qual se insere. Assim, concordo com Charlot, quando afirma que todo ser humano é sujeito. Mas temos de levar em consideração que existem várias maneiras de se construir como sujeito, e uma delas se refere aos contextos de desumanização, nos quais o ser humano é “proibido de ser”, privado de desenvolver as suas potencialidades, de viver plenamente a sua condição humana [...].

Nesse sentido, para compreender como se dão as relações entre as juventudes, a escola e os processos de aprendizagem é preciso lembrar que a juventude não se restringe apenas à uma fase da vida, mas é antes de tudo, fruto de experiências que se dão no interior de uma determinada sociedade.

## 2.2 DIFERENTES GERAÇÕES, DIFERENTES VALORES

Antes de iniciar esta discussão a respeito das diferenças e desafios de relacionamento entre gerações, é necessário tentar explicar o que entendemos por “geração”. Embora este termo seja muito utilizado atualmente, muitas vezes em relação apenas a idade biológica dos indivíduos, pretende-se trabalhar como um conceito mais amplo desta palavra. No qual ela se

refere não apenas à idade, e sim, à um mesmo posicionamento temporal de sujeitos que convivem com as mesmas condições globais da humanidade embora em contextos e espaços diferentes. Assim como afirma Motta (2010, p. 229),

O sentido mais plenamente sociológico, ou macrosociológico de - geração, propriamente dita - designa um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência, ou têm a potencialidade para tal.

Na escola, considerando que grande parte dos educadores são de gerações diferentes da dos alunos, existe uma grande distância de tempo e, portanto, de questões culturais entre eles, o que traz dificuldades na compreensão das ações e pensamentos destes dois grupos, já que trazem influências de diferentes contextos espaço-temporais.

Baseado nos estudos de Bourdieu, Mauger (2013, p. 173) traz contribuições relevantes que nos auxiliam a compreender esta questão de conflitos de gerações,

Na escala de um “campo” do espaço social, as flutuações do “direito de entrada” (revisado “na alta” ou na “baixa”) permitem de limitar gerações que diferem por seu modo de geração. De tal modo que os conflitos recorrentes que as atravessam entre “detentores” (dos lugares e das responsabilidades) e “pretendentes” a esses mesmos lugares opõem de fato modos de geração diferentes sob a aparência de opor “jovens” (que os “velhos” veem como inexperientes) a “velhos” (que os “jovens” consideram arcaicos). Nessa luta entre detentores e pretendentes, os pretendentes tentam impor uma nova definição de “excelência” ligada ao seu próprio modo de geração.

Mauger, ainda tendo como referência a teoria do capital de Bourdieu, afirma que há em todas as sociedades a necessidade de reprodução, biológica e cultural, entre gerações para que haja a perpetuação do que ele chama de “capitais”, que são de diferentes espécies: econômico, cultural, social e simbólico. Entretanto, as mudanças ocorridas entre o espaço de tempo em que os “detentores” chegaram ao topo da hierarquia e os “pretendentes” desejam assumir este local, causam inevitáveis conflitos entre essas duas gerações. Onde os jovens (“pretendentes”) muitas vezes tendem a supervalorizar as novidades em detrimento da experiência e os mais velhos (“detentores”) tendem a subjugar a capacidade dos jovens pela inexperiência.

Em alguns casos, estes conflitos naturais acabam tomando proporções maiores quando não há uma relação de compreensão e respeito às diferenças dos modos de geração entre os mais jovens e os mais maduros. Talvez seja por este motivo, que observamos dificuldades de relacionamentos em diferentes esferas sociais, incluindo a escolar e a familiar, que resultam em um distanciamento entre esses dois grupos (jovens e maduros), no caso da escola, entre alunos e educadores.

Entretanto, não se objetiva aqui afirmar uma influência dominante da sociedade sobre o sujeito, o que tornaria praticamente impossível a existência de boas relações repletas de compreensão entre pessoas com idades distantes. Pois é necessário também pensar nas questões emocionais que envolvem as relações humanas, onde mesmo com dificuldades externas e interiorizadas, não é impossível ou improvável que, mesmo com conflitos, que hajam benefícios e vantagens nestas relações. Mesmo porque, esses sujeitos também ensinam e aprendem uns com os outros, de modo que possam, de alguma forma, conviverem.

### 2.3 ESCOLA E JUVENTUDES

Quando se pensa na escola, lembramos sempre da instituição social como aparelho ideológico do Estado. Instituição formadora e influenciadora, porém, acredita-se que esta relação com a sociedade não é unilateral, pois assim como afirma Dayrell (2009, p. 2),

A escola, como espaço socio-cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos.

Embora tendamos a imaginar uma equipe pedagógica mais velha, existe também muitos educadores jovens, que chegam até a se equiparar a idade de seus alunos. Então, o que poderíamos sugerir como o causador das dificuldades das relações entre alunos e educadores mais jovens? Acredita-se que um dos fatores que estimulam essas dificuldades está acima da vontade do professor. Pois embora este também possua poder decisivo e direcionador, neste caso há um modelo metodológico a ser seguido pelos profissionais das instituições escolares, modelo este que acreditamos podar a relação professor-aluno.

A escola moderna criou uma cultura escolar específica. Ela ensinou os sujeitos a pensarem por e pela escola. A instituição ensina aquilo que é permitido em determinado momento histórico e transforma as experiências culturais e sociais em saberes possíveis de serem transmitidos e assimiláveis (FORQUIN, 2001). Dessa forma, as experiências de vida dos jovens, muitas vezes, não encontram espaço ou não são reconhecidas pelos que fazem a escola.

Outra questão muito relevante na forma com que a escola lida com o jovem é o distanciamento que em muitos casos acontecem entre o jovem que a escola deseja receber e o que realmente chega nela, pois assim como afirma Carrano (2007) “A escola espera *alunos* e o que chega são sujeitos com múltiplas trajetórias e experiências de vivência do mundo.” (p. 10, grifo nosso). Esses jovens se afastam do jovem idealizado pela sociedade, daquele que deveria estar se preparando para um futuro no qual ele viria a ser “alguém”. Prolongar os estudos e poder dedicar-se exclusivamente a eles é um privilégio de jovens oriundos das camadas sociais mais favorecidas e muitas vezes não é a realidade dos que frequentam a escola pública brasileira.

Ainda sobre esta questão da idealização do jovem, Carrano (2007) afirma que,

A expansão da escola, a criação de mercado cultural juvenil exclusivo e a postergação da inserção no mundo do trabalho são marcas objetivas da constituição das representações sociais sobre o ser jovem na sociedade. A realização plena deste ideal de jovem liberado das pressões do mundo do trabalho e dedicado ao estudo e aos lazeres é objetivamente inatingível para a maioria dos jovens das classes trabalhadoras. (p.4)

As instituições escolares tratam o jovem muitas vezes como esse jovem idealizado, não levando em consideração que nas classes populares, é necessário que todas as pessoas da casa ajudem financeiramente a família, o que acaba distanciando esses jovens do que seria o "ideal", ou seja, da dedicação exclusiva aos estudos e da imaturidade que as escolas insistem em afirmar que eles têm. Mas não se trata apenas de ser uma das fontes de renda do lar, trata-se também de amadurecer desde cedo, trata-se de estagiar obrigatoriamente em várias profissões relacionadas aos afazeres domésticos, e em muitos casos, aos cuidados com os irmãos mais novos. Entretanto, esse modo de ser jovem tão comum nas camadas populares

não está ligado obrigatoriamente a situações ruins, muito pelo contrário, há uma enorme beleza nas relações estreitas de amor, compreensão e apoio dentre muitas dessas famílias.

Desta forma, não se acredita que existe uma forma correta ou adequada de ser jovem. Existem formas diferentes que são induzidas por questões sociais e individuais, como por exemplo, a situação financeira, a religiosidade e a própria vontade do jovem. A grande questão é que a escola parece não perceber essa diversidade de jovens que atende, pois além de não estar atenta as especificidades de cada aluno, o que devido a questões estruturais como a superlotação realmente se torna uma tarefa árdua, ela parece ainda não estar direcionando sua atenção à realidade dos jovens em que está atendendo no geral. Isto acaba trazendo inevitavelmente um distanciamento entre escola e aluno, além de tornar a frequência às aulas no ensino regular não só desinteressante como muitas vezes inacessível.

Portanto, é necessário que a grande influência social sobre estes jovens seja reconhecida pelas instituições escolares, pois “esses jovens trazem consigo para o interior da escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente, interferindo nas suas trajetórias escolares, nos sentidos atribuídos à escola e colocando novos desafios à escola [...]” (DAYRELL 2013, p. 65 *apud* SPOSITO 2005).

Um outro fator que pode influenciar no interesse dos jovens pela escola, ou até mesmo ser causador de tensões entre estes e os educadores, é a frequente intolerância das culturas juvenis e do que Carrano (2007) chama de “referências tribais” que diferenciam grupos e caracterizam sujeitos. Este autor traz ainda a contribuição de Pais (2003) que “[...] compreende as razões pelas quais os jovens podem identificar o espaço escolar como desinteressante, uma vez que eles não se reconhecem numa instituição onde suas culturas não podem se realizar nem tampouco podem se fazer presentes.”.

Desta forma, é preciso que haja maior reconhecimento e respeito pelas diferentes culturas juvenis por parte dos educadores. Buscando tornar a escola um lugar pelo qual eles tenham interesse e desejem frequentar, para que eles possam se desenvolver como sujeitos, assim como para que aprendam a viver democraticamente respeitando e sendo respeitados. E para isso, entende-se que é preciso repensar quais os sentidos da organização escolar, a quem esta organização interessa e que objetivos atende.

## 2.4 ESCOLA, JUVENTUDES E PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

A instituição escolar tem um papel fundamental na sociedade que, dentre vários outros aspectos, está ligado desde o auxílio no desenvolvimento global dos sujeitos, até a propagação nas normas sociais. Sendo uma das principais funções da escola, estimular a formação de pessoas capazes de compreender, criticar e, se necessário, refutar tais normas. Função essa que parece estar sendo esquecida pela escola, pois além de mais trabalhoso do que simplesmente impor tais normas, é potencialmente perigoso estimular a criticidade dos jovens, já que esta mesma instituição pode ser alvo de mudanças.

A extrema valorização da disciplina e do controle parece aniquilar a atuação ativa dos alunos e os estimula a serem “dóceis” e manipuláveis, minimizando a existência de sujeitos sociais ativos. Assim como afirma Cruz e Freitas (2011, p. 47), “As regras disciplinares visam ao controle do espaço, tempo e corpo, assim, criam indivíduos submissos, peças fundamentais para a manutenção do sistema social assim como está [...]”. Sendo a necessidade de interação ativa com o meio em que está inserido uma das principais características das juventudes, utilizar métodos que restringem essa interação torna-se uma das principais formas da escola distanciar o interesse dos jovens por ela.

Várias são as estratégias utilizadas pela escola para manter o controle de todos e de tudo que acontece dentro dela, uma delas é a própria utilização de espaços fechados como principal local de ensino e suas configurações. Nesse sentido, sobre esta questão, Grumet (1988) fala sobre as salas de aula dizendo que,

a posição fixa é o resultado da ciência da super-visão, um arranjo de pessoas em unidades coletivas acessíveis à vigilância constante. Através do arranjo dos estudantes em fileiras, todos os olhos voltados para a frente, confrontando diretamente a nuca do colega, encontrando apenas o olhar da professora, a disciplina da sala de aula contemporânea coloca em ação o olhar (a observação) como uma estratégia de dominação

(CRUZ e FREITAS, 2011 *apud* GRUMET, 1988, p. 111)

A exacerbada valorização da individualidade que beira o não reconhecimento dos sujeitos como seres sociais e suas diversidades, é vista, também, como uma artimanha das instituições sociais para controlá-los através da avaliação contínua destes, que quando fazem

algo dito como “correto” recebem premiações e quando fazem algo dito como “errado”, são punidos. A separação dos alunos em níveis, atualmente chamados de anos, reforça esta prática que valoriza os que conseguiram se adequar e retém os que ainda não estão “aptos”. Além disso, esta divisão de conhecimentos em disciplinas e em anos<sup>1</sup> impõe uma visão fragmentada dos conteúdos acadêmicos afastando os alunos de uma compreensão genuína não só dos conhecimentos científicos, como também do mundo ao seu redor, o que consequentemente torna mais difícil os processos de aprendizagem.

Um agente decisivo para a construção dos processos de aprendizagem é a atuação dos docentes. Sobre isso, Folque (2006, p. 11) afirma que “O papel do professor é promover uma organização participativa, a cooperação e a cidadania democrática, ouvindo e encorajando a liberdade de expressão, as atitudes críticas, a autonomia e a responsabilidade. ”. Como já dito, a autonomia e a participação ativa dos alunos em seus desenvolvimentos cognitivos, sociais e emocionais, é de suma importância para que estes possam ser sujeitos sociais. Mas assim como questiona Cruz e Freitas (2011, p. 48),

A escola ensina seres acorrentados, que ao saírem dela, deverão aprender a pensar, mas como? Se o professor ensina conceitos que, por vezes, não pertencem à sua realidade, e nessa irrealdade, o aluno vai pra casa e não consegue fazer sequer uma união entre escola e vida, dar sentido social ao que aprende, tornam-se indivíduos que aceitam, sem nenhum questionamento, os saberes e a verdade constituída.

Ao defender o modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna, Folque (2006) fala sobre concepções a respeito da educação que se coincidem muito com a discussão que vem sendo trazida neste trabalho, principalmente quando a autora defende a participação ativa dos alunos e o respeito aos diferentes modos culturais. A autora diz que,

este modelo pedagógico propõe e realça o papel do grupo com um agente provocador do desenvolvimento intelectual, moral e cívico com uma forte ligação ao cotidiano. Esta ligação dá um maior significado à Escola e vai proporcionar a

---

<sup>1</sup> A Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 alterou a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, e estipulou o prazo de até 2010 para que as escolas finalizassem o processo de ampliação do regime escolar de oito anos para o novo regime de nove anos. Além disso, a Resolução CNE/CEB nº 3/2005 estipula a utilização do termo ano escolar, substituindo o termo série. Ver: <<http://portal.mec.gov.br>>

aprendizagem através de desafios baseados nos problemas dos grupos e da comunidade. (FOLQUE, 2006, p. 5).

Portanto, é necessário que pensemos em um modo de ensino-aprendizagem que seja voltado para os sujeitos que estão envolvidos nesta relação, para que fuçamos da reprodução automática de fragmentos de saberes sem nenhum significado para os indivíduos e que serão facilmente esquecidos assim que conseguirem “passar” nas avaliações escolares. Pois assim como afirma Carrano (2007, p. 10), é importante que passemos a

[...] pensar as possíveis reorganizações curriculares não apenas como estratégias funcionais de favorecer o ensino-aprendizagem, mas como políticas educativas e culturais que permitam reorganizar espaços e tempos de compartilhamento de saberes, ampliar a experiência social pública e o direito de todos às riquezas materiais e espirituais das cidades.

O objetivo não é esquecer as estratégias voltadas diretamente para os processos de aprendizagem dos alunos, é apenas lembrar a relevância de também se pensar na influência do contexto em que esta aprendizagem acontece para que ela seja efetiva. É também proporcionar espaços e tempos propícios para um desenvolvimento completo dos sujeitos, e não apenas um desenvolvimento fragmentado de áreas específicas. E por fim, é também combater a desigualdade social, dando a estes jovens a possibilidade de serem sujeitos sociais e de conhecerem e lutarem, quando necessário, por seus direitos.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

Neste momento, serão discutidas e explicadas as preferências metodológicas para a realização desta pesquisa. Será justificado o porquê da escolha pelo método qualitativo, traremos uma caracterização do local e dos participantes desta, abordaremos o material utilizado, assim como, os critérios para a análise e a interpretação das informações e conhecimentos advindos da prática.

#### **3.1 PESQUISA QUALITATIVA**

Partindo do pressuposto de que cada pessoa possui características únicas que foram e são formadas ao decorrer de sua vida, a partir das experiências que teve e terá, torna-se impossível estabelecer um parâmetro fidedigno que descreva pensamentos, sentimentos e reações de cada ser humano frente a uma determinada situação.

Buscou-se neste estudo um método de pesquisa que fosse sensível e subjetivo a ponto de respeitar as peculiaridades e subjetividades de cada participante. Neste sentido, sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (2012, p. 622) afirma que,

Sua matéria prima é composta por um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam: experiência, vivência, senso comum e ação. E o movimento que informa qualquer abordagem ou análise se baseia em três verbos: compreender, interpretar e dialetizar.

Ainda sobre as características da pesquisa qualitativa, concordamos com Flick, quando diz que ela procura “esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta, o que estão fazendo, ou o que lhes está acontecendo” (2009, p. 08). Sendo, assim, é que nos motivamos em eleger este método para o desenvolvimento deste trabalho. Acreditamos que apenas um método flexível atenderia às necessidades do objetivo deste estudo, que consistiu em investigar quais os principais desafios na relação entre juventudes e escola na contemporaneidade, e como esses desafios podem interferir nos processos de aprendizagem desses jovens.

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DO *LOCUS* E DOS PARTICIPANTES

Visando contribuir com as investigações e reflexões a respeito das relações entre as juventudes, a escola e os processos de aprendizagem, foram realizadas entrevistas semiestruturadas através de um roteiro de entrevista com nove alunos do 9º ano do ensino fundamental em uma escola pública da cidade de João Pessoa – PB, com idades entre 16 e 20 anos. Estas foram realizadas individualmente, com aproximadamente 30min de duração cada. Para garantir o anonimato dos participantes, adotamos nomes de flores para nomeá-los, que foram: Rosa, Tulipa, Girassol, Cravo, Begônia, Margarida, Jasmim e Orquídea. O nono participante, optou por não participar mais da pesquisa durante a realização da entrevista.

A instituição na qual as entrevistas foram realizadas oferece turmas do 1º ao 9º ano nos turnos da manhã e da tarde, e no da noite possui turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos). Uma questão interessante observada, foi que havia vários alunos com idades acima dos 18 anos estudando no ensino regular, o que se acredita ser algo muito positivo para estes jovens. A estrutura física desta instituição que contém um único portão de entrada e saída, que é mantido constantemente fechado pelo porteiro, assim como, muros altos e muitas câmeras, foi o principal aspecto que estimulou a escolha desta escola para a realização desta pesquisa.

Ao chegarmos na escola, para realizar as entrevistas, a diretora disse que escolheria jovens que deveriam participar. Ou seja, ela impôs esta condição para a realização da pesquisa, utilizando como justificativa o argumento de que alunos recém-chegados na escola não poderiam fornecer informações precisas a respeito da mesma. Mesmo acreditando que estas não são as condições ideais de escolha de participantes, não se observou grandes prejuízos advindos desta ação, tendo em vista que no início de cada entrevista após a explicação do termo de assentimento, foi ressaltado que nem a pesquisa e nem a pesquisadora tinham nenhuma relação com a escola, e, portanto, a participação nesta pesquisa não traria ao participante nenhum malefício ou benefício acadêmico.

### 3.3 SOBRE O MATERIAL UTILIZADO

Foi utilizado um aparelho celular para a gravação auditiva das entrevistas, assim como foi utilizado um termo de assentimento para os sujeitos da pesquisa<sup>2</sup>; um questionário socioeconômico contendo 22 questões<sup>3</sup> que foi preenchido pelos participantes após a realização da entrevista; e um roteiro de entrevista contendo 5 questões, utilizado apenas pela pesquisadora<sup>4</sup>.

### 3.4 SOBRE A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

Para a análise e interpretação das informações fornecidas pelos participantes, foi utilizado o método de análise de conteúdo sob à luz das concepções de Bardin (1977).

---

<sup>2</sup> Ver anexo A

<sup>3</sup> Ver anexo B

<sup>4</sup> Ver anexo C

Portanto, após leituras flutuantes do material, foram selecionadas as unidades de análise, que, neste caso, foram escolhidos temas extraídos do material que se entrelaçavam com os objetivos desta pesquisa. Posteriormente foi realizada a categorização não apriorística e a partir do que foi vivenciado e relatado nas entrevistas e do embasamento teórico, foram tecidas as interpretações que geraram os resultados e as discussões deste estudo.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 AS JUVENTUDES SEGUNDO OS JOVENS**

Tão importante quanto saber o que os teóricos dizem sobre as juventudes, é conhecer a opinião dos próprios jovens sobre a condição juvenil. Embora alguns participantes não tivessem ideias prontas para responder os questionamentos, o que foi bom, pois lhes deu a oportunidade de refletir sobre esse assunto, grande parte das respostas mostravam que alguns sujeitos da pesquisa incorporaram a concepção de que o jovem está em um estágio de “vir a ser”. Entretanto, há uma disparidade entre o jovem idealizado socialmente que advém de classes sociais privilegiadas, sobre o qual discutimos anteriormente, e estes. É que nas camadas populares, os jovens não podem apenas se dedicar a vida acadêmica, já que há uma grande pressão contextual para que ele exerça alguma atividade remunerada.

A forma como são vistos e tratados pelos discursos hegemônicos contribuem significativamente para a construção do autoconceito dos jovens. Se eles são vistos apenas como intermediários em uma fase de transição, e não como sujeitos sociais, eles podem acreditar que o são. Assim como nos mostra a fala de Orquídea:

*“Eu acho que jovem é tipo como se tivesse já perto de amadurecer, acho que jovem é uma parte do que ele vai ser no futuro e eu acho que tem jovens que não ligam para isso, não ligam para estudar, só querem fazer coisa errada, não liga para o futuro”.*

Somada a esta visão do que é ser jovem, muitas vezes, pôde-se observar a crença de que por não terem ainda todas as responsabilidades de um adulto, os jovens acreditam que

devem aproveitar a vida. Esta crença veio algumas vezes de forma negativa, como vemos na fala de Orquídea: *“Jovem é uma coisa muito complicada como diz minha avó, ela diz que jovem, que a gente satisfaz o diabo”*, ou de forma positiva, como podemos observar na fala de Jasmim: *“(...) acho que tem mais que aproveitar enquanto tá jovem”*.

Houve ainda participantes que demonstraram ver a condição juvenil de forma positiva, como por exemplo, Margarida que disse:

*“Acho que jovem é uma maneira de pensar sabia? Eu não acho que jovem seja por idade. (...) acho que porque jovem tem aquela coisa de quer mais as coisas, de ter mais ânimo e tal. Acho que é isso!”*

Assim como foram abordadas outras questões votadas para uma possível culpa dos jovens por não enfrentarem os desafios e desistirem do “caminho certo” o que os levaram desde o afastamento da escola a infrações. Podemos observar isso na fala de Girassol que fala que alguns jovens *“são vida fácil, que não gosta de estudar”*, o termo “vida fácil”, nesse caso, se remete a jovens que deixam a escola e adentram à criminalidade. O que pode significar, talvez, que para Girassol, é muito difícil permanecer na escola e conseguir atividades remuneradas legais, assim, torna-se mais fácil para os jovens sair da escola que é um caminho mais longo e incerto e buscar o dinheiro que necessitam de outras formas.

## 4.2 JUVENTUDES E DESAFIOS

A desvalorização dos conhecimentos juvenis foi muito abordada pelos participantes durante as entrevistas, a grande maioria afirmava não ter espaço de se expressar, pois as pessoas mais velhas acreditavam que eles não tinham nada de bom a oferecer. Assim como podemos observar na fala de Tulipa,

*“Eu acho que elas não dão ouvido, é como se eles só quisessem que a gente escutasse eles. Para mim, em casa eu sempre sou a errada de tudo. E fora também, eu acho que o jovem é como se ele não tivesse*

*nada de bom. Por que o tempo dos mais velhos foram outras coisas, só que a gente tá no século 21, eu acho que mudou muita coisa, só que os mais velhos não entendem isso”.*

Isto pode estar relacionado com a incorporação da visão de que os jovens são seres vazios que estão sendo preenchidos, assim como podemos observar na fala de Margarida:

*“Porque na cabeça deles: Ah, você é muito jovem, não sabe de nada, não tem responsabilidade com nada. E eu já sou uma pessoa vivida, já passei por aqui. Realmente é, mas tem coisa que o jovem já passou que uma pessoa com 50 anos nunca passou, por isso que vale a pena escutar”.*

Esta desvalorização dos conhecimentos e opiniões dos jovens pode interferir negativamente para que haja o que discutimos anteriormente e chamamos de distanciamento entre diferentes gerações. Em alguns casos aqueles conflitos naturais entre “detentores” e “pretendentes” citados por Mauger (2013) trazem um distanciamento entre responsáveis e jovens, assim como podemos observar na fala de Tulipa: *“É muito difícil. Porque, tipo, quando eu quero sentar pra conversar com minha mãe, às vezes ela não me entende aí eu já não converso mais.”.*

O uso de drogas também foi uma questão muito presente quando os jovens eram levados a refletir sobre quais são os principais desafios que as juventudes enfrentam. Sendo esta problemática, em alguns casos, relacionada à culpa dos jovens e, em outros, afirmava-se que a falta de atenção nas juventudes por parte das instituições sociais é um fator decisivo à vulnerabilidade juvenil para o consumo de substâncias ilícitas. Podemos observar isto claramente na fala de Margarida:

*“Eu acho que mais atenção sabia? No jovem, por que acho que muitas vezes acontece essas coisas que tá acontecendo hoje em dia,*

*porque as vezes não dá muita atenção, não procura ouvir o que o jovem precisa ou que procura melhorar, aí muitas vezes, acho que é mais isso. Acho que devia mudar isso: abrir mais os ouvidos para os jovens”.*

Uma questão recorrentemente citada é o grande autoritarismo e controle dos jovens por parte dos adultos. Foi mostrado que na maior parte das famílias referidas pelos sujeitos o instrumento educativo utilizado pelos responsáveis é a autoridade e o controle, e apenas em poucos casos falou-se sobre estímulo da confiança, discernimento e responsabilidade nos jovens. Assim como podemos ver na fala de Rosa: *“tu acredita que eu com 20 anos não posso sair de casa sozinha? Parece que mainha não confia em mim, acha que eu sou criança e fica o tempo todo aperrando”*. É importante lembrar que Reguillo (2000 apud CARRANO, 2007, p. 4) afirma que essa prática familiar advém de uma esfera social maior, pois ele afirma que há uma *“(...) ausência de políticas que apostem na autonomia, na organização e naquilo que os jovens podem fazer sozinhos e com a colaboração dos adultos. Políticas do controle e da percepção do jovem como um carente, um vulnerável ou perigo iminente”*.

Por fim, uma última questão relevante para esta categoria trazida pelos sujeitos da pesquisa foi a respeito de ações preconceituosas sofridas por eles, sobre as quais foram citadas distintas formas de intolerância sobre o que Carrano (2007) chama de *“culturas juvenis”*, que caracterizam estes jovens desde ao modo de se vestirem, à forma como falam, às músicas que ouvem e às coisas que valorizam. Sobre isto, Orquídea mostrou sua indignação ao fazer a seguinte afirmação: *“Eu acho que primeiro você tem que conhecer a pessoa e não julgar. Eu posso ver a pessoa na rua e dizer, olha o short dela tá curto, mas você não chega para conversar com a pessoa, você não sabe quem ela é de verdade.”*. Desta forma, foi possível perceber o incômodo causado pelo preconceito que estes jovens afirmaram sofrer.

#### 4.3 SONHOS, ASPIRAÇÕES E NECESSIDADES

É impossível pensar em juventudes e não lembrar as grandes contribuições de Carrano (2007) a respeito das diferenças entre o jovem idealizado socialmente e as diferentes juventudes existentes. Nesta pesquisa tivemos a oportunidade de conhecer na realidade à

dificuldades, necessidades e aspirações que permeiam os caminhos de alguns jovens oriundos das camadas populares. Era possível observar intrínseca e extrinsecamente em suas falas a grande relevância da questão financeira, muitas vezes, em detrimento dos próprios sonhos.

Observa-se que nas camadas populares, a necessidade financeira, muitas vezes, toma o espaço dos sonhos, pois é preciso primeiro garantir sua sobrevivência e de seus familiares para depois realizar seus desejos. Assim como afirmou Girassol que sonha em ser artista, porém por ele achar que esta não é uma profissão bem remunerada, ele disse: *“Acho difícil ganhar dinheiro através disso. É melhor investir numa coisa que dê dinheiro e depois fazer o que gosta”*.

Um “bom emprego” está presente na fala de todos os participantes da pesquisa quando se falou sobre sonhos, e os dois principais motivos para este desejo eram sempre ajudar à família nas despesas e ter seu próprio dinheiro para poder ter independência e para poder ter os bens que desejam e não podem ter. Entretanto, em alguns casos foi possível perceber a falta de perspectivas para o futuro, assim como vemos na fala de Rosa: *“Rapaz, eu não penso muito nisso não. Mas eu penso em ter uma vida boa, trabalhar, ter meu dinheiro”*.

É possível que haja uma relação direta entre esta falta de perspectiva e a exclusão social que estes jovens das camadas populares sofrem, os quais são tão desacreditados desde a infância que acabam crescendo sem esperanças, e com essa perda constante tomam-lhes o direito de opinarem, de decidirem e por fim, até de sonharem. Observa-se também uma visão estigmatizante sobre as juventudes e essa visão talvez atrapalhe seus processos de aprendizagem, pois, ele mesmo, acaba desacreditado dos seus potenciais.

#### 4.4 ESCOLA: CONCEPÇÕES E ATRIBUIÇÕES

Ao lembrarmos que os participantes desta pesquisa foram escolhidos pela diretora da escola e ao ouvirmos apenas elogios dos alunos à esta instituição, podemos levantar a hipótese de que estes alunos foram selecionados pela educadora visando preservar a imagem da instituição. Desta forma, quando questionados sobre a escola que estudam atualmente, todos os jovens afirmaram gostar da mesma e ter uma relação positiva com todos os funcionários, entretanto, quando se falava a respeito de outras escolas que tiveram a oportunidade de conhecer, as respostas eram sempre mais detalhadas e aparentemente mais críticas.

Uma das questões mais recorrentes abordadas pelos sujeitos era atuação dos educadores. Repetidas descrições de situações de descaso com os alunos por parte dos professores e diretores foram tecendo uma visão de escola desinteressante e ineficaz, na qual os profissionais são desatentos e, muitas vezes, ineficientes. Dentre os depoimentos a este respeito, é válido observarmos o de Begônia: *“Tem professores que não são muito atenciosos, chega, passa a tarefa e pronto, quem fizer fez, quem não fizer não fez.”*

E mesmo nesta escola tão elogiada pelos sujeitos entrevistados, ainda foi citado a perseguição de alunos por parte dos professores, que eles chamaram de “marcação”, que, ao serem questionados sobre o significado desta palavra, afirmaram ser um comportamento do (s) professor (es) no qual um aluno fica “marcado” por ele (s) e assim, há uma forte pressão sobre este aluno, muitas vezes associadas a notas baixas e, quem sabe, excesso de rigidez para com o mesmo.

Outro aspecto observado foi a importância que os jovens dão à prática de esportes, e que muitas vezes as escolas não a valorizam. Esta inclusive foi uma das poucas queixas sobre a escola, a falta de infraestrutura da quadra de esportes da escola. Vê-se uma escola com muitos recursos materiais, salas bem equipadas, entretanto possui como único local voltado para a prática de atividades físicas uma quadra de esportes descoberta e com piso irregular. Sobre esta questão a diretora da escola afirmou que a prioridade foi a instalação de câmeras para a segurança e monitoramento dos alunos e que posteriormente seriam feitas mudanças na quadra de esportes. Esta situação nos remete à discussão trazida por Cruz e Freitas (2011) em relação à forte valorização de métodos de controle dos jovens, e que estes são tidos como mais importantes até do que a formação integral do aluno. Assim como, mostra também a falta de empenho da escola em tornar aquele ambiente atraente e interessante para as juventudes, onde possam se expressar e se desenvolverem por completo e não apenas o cognitivo.

Houve ainda recorrentes relações feitas pelos participantes entre a falta de atenção das escolas nos jovens e o uso de drogas pelos mesmos, tendo sido afirmado que há ainda sujeitos que acabam aderindo o consumo dessas substâncias por não compreenderem os males que isto poderá causa-los, e que a instituição escolar poderia trazer essas informações para eles. Assim como, foi expresso que se essas instituições prestassem mais atenção nos sinais que os alunos dão de quando estão enfrentando problemas pessoais e recorrendo a estes meios elas poderiam apoiar estes indivíduos. Vemos isto na fala de Cravo quando aborda a desatenção das

instituições escolares: *“Eu acho que eu eles nem percebem, pois tem escolas que o povo chega e sai, chega e sai... e ninguém liga para o aluno”*.

Segundo os entrevistados, uma das consequências destas problemáticas atribuídas à escola é o desinteresse dos alunos pela mesma, assim como, a escolha pelo caminho “mais fácil” que está ligado à criminalidade e o afastamento da escola. Assim como podemos ver na fala de Begônia: *“Acho que ele deve ficar mais virado, mais... querer mais tá no mundo, preferir mais tá no mundo do que tá na escola”*

Percebeu-se também que os sujeitos da pesquisa veem como qualidade a estrutura física da escola que possui muitos itens de segurança como câmeras, muro alto com grampos e portões sempre fechados. Entretanto, ao contrário das residências que adotam estes mecanismos de segurança para se protegerem de outras pessoas, nesta escola, os sujeitos percebem estes instrumentos como sendo necessários para se protegerem de si mesmos. O que nos mostra que a ausência de autonomia somada ao desinteresse pela escola pode fazer com que estes sujeitos achem necessário que haja um controle externo de suas ações já que não são incentivados a trabalhar o autocontrole. Assim como, reflete a incorporação de um possível protótipo do jovem oriundo das classes populares, aquele que precisa ser controlado constantemente, aquele que tem tendência a se envolver em práticas ilegais e imorais.

A necessidade do ensino formal para a vida profissional, na maioria dos casos, pareceu ser a maior importância da escola para os sujeitos da pesquisa. O que nos remete a discussão de Dayrell (2013) sobre as juventudes pobres, que desde muito cedo convivem com a necessidade financeira e que adaptam suas vidas e seus planos para tentar vencê-la. Portanto, se os maiores sonhos desses jovens é ter um emprego, como muitos afirmaram, a escola é o caminho que os levará até ele. Assim como podemos ver na fala de Rosa: *“Então, para a pessoa trabalhar a pessoa tem que estudar né? Tem que terminar os estudos pra poder trabalhar e é por isso que eu acho a escola importante”*. Desta forma, é primordial que a instituição escolar esteja apta a atender à esta demanda advinda das juventudes, além de trazer outras possibilidades de utilização dos conhecimentos que estes adquirirem lá para que haja uma ressignificação da visão de Escola que estes jovens aparentaram ter. Para que além de ser o local que vai ajuda-los a adentrar no mercado de trabalho, seja, também, um local dedicado à compreensão do mundo ao redor através dos diversos conhecimentos que este pode lhes trazer.

#### 4.5 TECENDO IDEIAS E IDEAIS ESCOLARES

Uma dificuldade dos jovens das camadas populares citada por alguns participantes da pesquisa foi a falta de oportunidade de continuidade acadêmica e acesso a empregos públicos que são vistos como mais estáveis. Tendo em vista que as pessoas de classe econômica maior têm acesso a escolas que voltam seu ensino para as provas de concursos, e por isso, conseguem ingressar na vida acadêmica, assim como, as vagas de empregos mais concorridas e melhor remuneradas. E como a prorrogação dos estudos e as vagas de concursos parecem ser inacessíveis para esses jovens, umas das reivindicações de alguns sujeitos foi relacionada a oferta de maior preparação para estas seleções para que eles tenham maiores chances de êxito. Assim como vemos na fala de Girassol: *“Ter mais oportunidades de estudo, porque hoje em dia tudo tem que fazer prova, aí complica mais, sabe? Essas coisas de universidade e fazer concurso, tudo tem que passar nas provas”*.

Entretanto, parece que para eles a possibilidade de sucesso nessas seleções é tão pequena que pouco se ouviu falar sobre isso. Uma das necessidades mais recorrentes foi ainda em relação a uma maior ligação entre a escola e o mercado de trabalho, na busca de maiores garantias de que quando saírem da escola terão oportunidades reais de emprego. Assim como vemos na fala de Girassol quando questionado sobre o que poderia melhorar a vida dos jovens e ele respondeu: *“Era bom se relacionasse o espaço da escola e do trabalho pra você poder ganhar seu próprio dinheiro”*.

Por fim, a necessidade de maior atenção para as juventudes por parte das instituições sociais foi a necessidade mais apontada pelos participantes da pesquisa, assim como ilustra a fala de Tulipa quando questionada sobre o que poderia melhorar a vida dos jovens: *“Tipo assim... Tanto na escola, quanto em casa, na rua, em todo os lugares, acho que devia ter mais atenção pra o jovem sabia? Até também se na escola eles não tivessem colegas, fazer mais amizade, em casa o seu pai dar mais atenção pra você”*. Desta forma, observa-se que a atenção requerida por eles não se relacionava apenas com o âmbito familiar, mas sim, uma necessidade que advém de vários contextos em que eles estão inseridos.

Tendo sido esta falta de atenção, relatada pelos sujeitos, relacionada desde a uma maior disponibilidade dos mais velhos para ouvir o que os jovens têm a dizer, até o apoio nos problemas que enfrentam que muitas vezes culminam no uso de drogas como forma de alívio ou relaxamento. Assim como ilustra esse trecho da entrevista realizada com Cravo:

*“Acho que o que podia melhorar era as drogas que eu acho que o pessoal devia avisar a eles sobre as drogas. Muitos exemplos, vamos dizer 40%, 30%, eu acho que começou por isso, por que ninguém foi lá e explicou, por que pode achar massa e tal, mas também é um caminho sem volta né? (...) A escola tinha que chegar junto dessas pessoas, vê o comportamento dela, se mudar, chegar junto da pessoa e conversar sobre isso. ”*

Vemos com isso, que o que as juventudes esperam da escola vai muito além de repassar conteúdos, eles necessitam do olhar, do cuidado, do apoio. E parece que quando estas necessidades não são atendidas, não só pela escola, como também pela família, há um distanciamento entre esses jovens e estas instituições sociais. Já que, estas relações são, muitas vezes, mediadas por diferentes prioridades, de um lado se deseja repassar os capitais sociais, enquanto do outro se requer vivenciar a condição juvenil com a valorização e a atenção da sociedade.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo foi de grande relevância para nossa formação como pesquisadores, tendo em vista que, trouxe contribuições muito importantes na elucidação dos questionamentos acerca das juventudes e suas relações com a escola. A experiência deste trabalho de conclusão de curso nos provocou várias indagações que nos estimulam a desenvolver pesquisas futuras.

Acredita-se que estudos como este são necessários para que tenhamos mais conhecimento acerca da condição juvenil, considerando que sabemos ainda tão pouco a respeito. Compreender como os jovens se veem na sociedade, como as escolas os veem, os principais desafios das relações entre estes e a escola e a influência destas questões para seus processos de aprendizagem, constituem alguns aspectos que podem auxiliar na prática profissional do psicopedagogo. Assim, construirmos um olhar menos preconceituoso e estigmatizante sobre as juventudes pode ajudar na prática psicopedagógica, no que diz respeito às propostas de intervenção junto aos jovens.

Faz-se necessário registrarmos que esta pesquisa não deve ser considerada como um fim, mas como um o início de um longo caminho a ser descoberto no mundo das juventudes e seus processos de aprendizagem. Nesse sentido, julgamos que levar em consideração as pluralidades das formas de vivenciar a condição juvenil, dar atenção e voz as juventudes é tarefa da escola e de todos os atores que participam da formação destes sujeitos.

## ABSTRACT

This study investigated what major challenges are present in the relationship between youths and the contemporary school as well as how these challenges might affect the youths's learning processes. To this purpose, it was discussed the concepts about youth as social subject. On top of that, it was analyzed the students's perceptions about the youth condition and its relationship with the school; lastly, it was sought to understand how these same perceptions could influence their learning processes. For this study, it was employed the qualitative research method by means of semi-structured interviews with 9 low-class "youth students" from a public school. Throughout this study, several theoreticians contributed towards a better understanding regarding the relationship between youths and school and its outcome to the learning processes. Carrano (2007), Dayrell (2013), Oliveira (2004) e Gohn (2011) are only but a few of them. It is clear from the students's speeches that there are a myriad of issues limiting the youths's active social participation as well as that the lack of attention to their needs may result in a preconceived and stigmatized view towards them, which may as well weaken their bonds with the school institutions and their learning processes.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Anicuro Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOSSA, N. A. **A Emergência da Psicopedagogia como Ciência**. Rev. Psicopedagogia, [S.L.], 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para Educação Básica. Coordenação-geral do Ensino Fundamental. **Ensino fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação**, 2.ed., Brasília, DF, 2009. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br> > Acesso em: 25 nov. 2015.

CARRANO, P. **Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance"**. [S.L.] Revista de Educação de Jovens e Adultos, 2007.

CRUZ, P.A.S.; FREITAS, S.A. **Disciplina, controle social e educação escolar: um breve estudo à luz do pensamento de Michel Foucault**. Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília. 7. ed., jun. 2011.

DAYRELL, J. A Juventude e Suas Escolhas: as relações entre projeto de vida e escola, In: VIEIRA, M. M. *et al.* (Orgs.). **Habitar a Escola e as Suas Margens: geografias plurais em confronto**. Porto Alegre, RS, cap. 2, p. 65-72. 2013.

DAYRELL, J. A **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, n. 24, set./out./nov./dez. 2003

FOLQUE, M. S. **A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar**. [S.L.] Rev. Escola Moderna, n. 5, 1999.

FORQUIN, J. **O currículo entre o relativismo e o universalismo**. Educação e Sociedade, Campinas, SP, v. 21, n. 73, dec. 2001.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, RJ, v. 16, n. 47, maio/ago. 2011.

MAUGER, G. **Juventude: idades da vida e gerações**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, RJ, v. 56, n.1, p. 169 -183, 2013.

MINAYO, M. C. S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciênc. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, RJ, v.17, n.3, p. 621-626, mar. 2012.

MORAES, A. L; VEIGA-NETO, A. **Disciplina e Controle na Escola: do aluno dócil ao aluno flexível**. In: IV COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, p.1-18. 2008.

MOTTA, A. B. **A Atualidade do Conceito de Gerações na Pesquisa sobre o Envelhecimento**. Revista Sociedade e Estado, Brasília, DF, v. 25, n. 2, maio/ago. 2010.

OLIVEIRA, M. K. **Ciclos de Vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto**, rev. Educação e Pesquisa, São Paulo, SP, v.30, n.2, p. 211-229, maio./ago. 2004.

REGUILLO, R. **Emergencia de culturas juveniles: Estrategias del desencanto**. La Bogotá, Grupo Editorial Norma, p.182. 2000.

\_\_\_\_\_. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. In: BETANIA, R. L. (Org.) **Educação como exercício de diversidade**. Brasília: Secad/MEC, p.59-82. 2005.

VARELA, Julia. Categorias espaço-temporais e socialização escolar: do individualismo ao narcisismo. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo**. São Paulo, SP: Cortez, p. 73-106. 1999.

## ANEXOS

### ANEXO A - Termo de Assentimento do Menor

#### TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

Esta pesquisa é sobre Juventudes e Aprendizagem na Escola e está sendo desenvolvida por Karoline Ellen Freire da Costa, aluna do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Mariana Lins de Oliveira. O Objetivo geral do estudo é investigar quais os principais desafios na relação entre juventudes e escola na contemporaneidade, e como esses desafios podem interferir nos processos de aprendizagem desses jovens. Tal intenção justifica a relevância acadêmica e social do projeto. Solicitamos a sua colaboração para responder uma entrevista (com duração média de 1 hora), como também sua autorização para gravação em áudio desta entrevista e para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicar em revista científica. As gravações serão ouvidas apenas pela Pesquisadora e pela Prof<sup>a</sup> Orientadora, a identidade dos participantes será mantida em sigilo. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis para a saúde dos participantes. Esclarecemos que a sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que recebi uma cópia deste documento.

Eu, \_\_\_\_\_, idade \_\_\_\_\_, aceito participar desta pesquisa que tem o objetivo investigar quais os principais desafios na relação entre juventudes e escola na contemporaneidade, e como esses desafios podem interferir nos processos de aprendizagem desses jovens. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso. Os pesquisadores tirarão minhas dúvidas e conversarão com os meus responsáveis. Li e concordo em participar como voluntário da pesquisa descrita acima. Estou ciente que recebi uma cópia deste documento.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

João Pessoa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

---

Assinatura da pesquisadora

ANEXO B – Questionário Socioeconômico

**QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO**

Questionário N° \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

1) Sexo

- A)  Masculino  
B)  Feminino

2) Qual é a sua idade? \_\_\_\_\_

3) Você se considera:

- A)  Branco (a)  
B)  Pardo (a)  
C)  Negro (a)  
D)  Amarelo (a)  
E)  Indígena

4) Que ano você está cursando? \_\_\_\_\_

5) Qual é o seu estado civil?

- A)  Solteiro  
B)  Casado  
C)  Viúvo  
D)  Separado / Divorciado

6) Você tem filhos?

- A)  Não  
B)  Sim. Quantos? \_\_\_\_\_

7) Quantas vezes você começou a estudar e parou antes do final do ano?

- A)  Nenhuma vez  
B)  1 vez  
C)  2 vezes  
D)  3 vezes  
E)  4 vezes ou mais vezes

8) Quantas vezes você foi reprovado?

- A)  Nenhuma vez  
B)  1 vez  
C)  2 vezes  
D)  3 vezes ou mais

9) Seu pai sabe ler e escrever?

- A)  Sim  
B)  Não  
C)  Não sei

10) Sua mãe sabe ler e escrever?

- A)  Sim  
B)  Sim  
C)  Não sei

11) A rua que você mora tem calçamento ou asfalto?

- A)  Sim  
B)  Não

Na sua casa tem:

11) Banheiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> 4 ou mais
	Não	1	2	3	
12) Televisão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> 4 ou mais
	Não	1	2	3	
13) Geladeira	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> 4 ou mais
	Não	1	2	3	
14) Aparelho de som	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> 4 ou mais
	Não	1	2	3	
15) Freezer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> 4 ou mais
	Não	1	2	3	
16) Internet	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> 4 ou mais
	Não	1	2	3	
17) Celular	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> 4 ou mais
	Não	1	2	3	
18) Computador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> 4 ou mais
	Não	1	2	3	
19) Automóvel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> 4 ou mais
	Não	1	2	3	

20) Você tem ou já teve algum trabalho remunerado?

- A)  Sim  
B)  Não

**(Se a resposta é Não, o questionário acabou aqui)**

21) Com que idade você começou a trabalhar?

- A)  Antes dos 10 anos  
B)  Entre os 10 e os 12 anos  
C)  Entre os 13 e os 15 anos  
D)  Entre os 16 e os 18 anos

22) Qual a principal razão de você trabalhar?

- A)  Para sustentar a casa/filhos/outras pessoas  
B)  Para ajudar seus responsáveis nas despesas da casa  
C)  Trabalhar significa ser independente  
D)  Precisa de dinheiro para gastos pessoais  
E)  Precisa adquirir experiência  
F)  Gosta de trabalhar, gosta do que faz.

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

23) Para você, o que é ser jovem? Você gosta de ser jovem?

24) Em sua opinião, os jovens têm espaço para mostrarem seus conhecimentos, sejam eles conhecimentos sobre assuntos escolares, ou sobre “coisas da vida”?

25) O que você acha que poderia melhorar a vida do jovem? Pense em todos os contextos que o jovem está inserido, como por exemplo: a escola, a família, etc.

26) Quais são os seus sonhos para o futuro? Como você pretende alcançá-los?

27) Como é sua relação com a escola? Você gosta da escola? Por quê?

### **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais por todos os esforços que fizeram para que eu tivesse acesso as oportunidades que eles não tiveram. Por terem me ensinado a lutar pelos meus sonhos e objetivos. Por terem apoiado todas as minhas escolhas. E por me darem a segurança de que não importa às dificuldades que venham pela frente, pois eles sempre estarão prontos para me amparar.

Ao meu irmão Rubens por ter sido meu melhor amigo, meu maior cúmplice e meu porto seguro. Por sempre ter me incentivado e me motivado. E por ter me dado todo o apoio emocional que necessitei para enfrentar as adversidades que a vida me trouxe.

A Lucas por ter sido meu companheiro e ter me auxiliado sempre que precisei. Por ter me dado todo o suporte necessário para que eu me dedicasse ao curso de Psicopedagogia. Por sempre ter estado

disposto a me ajudar, tendo muitas vezes aberto mão de seus afazeres para atender minhas demandas. E por ter acreditado em mim quando nem eu fui capaz de fazê-lo.

A minha orientadora Mariana Lins por ter despertado em mim a curiosidade e o interesse em temáticas de estudo que já estavam inertes em meus pensamentos. Por ter confiado em minha capacidade desde os primeiros anos da graduação nos quais fui sua monitora. Por ter mediado minhas aprendizagens sobre conhecimentos que hoje são primordiais para mim como estudante e como pessoa. Por ter tido a coragem de embarcar comigo nesta pesquisa que desde o início já demonstrava as inúmeras dificuldades que enfrentaríamos. E por termos construído uma relação de apoio mútuo e cumplicidade.

As minhas amigas Sâmara de Cássia, Aniele Silva, Andrezza Estanislau e Ingrid Marcelly, por termos caminhado juntas durante este curso. E por nossas relações de confiança, companheirismo e cuidado, que acredito terem sido muito significativas para que tenhamos conseguido chegar até aqui.

A todos os meus colegas de curso por todas as contribuições que trouxeram para o meu crescimento acadêmico e por todos os conhecimentos que construímos juntos.

Aos sujeitos desta pesquisa por terem compartilhado conosco suas concepções e suas particularidades, e por terem nos auxiliado a responder aos questionamentos deste estudo.